

A LITERATURA - UM ESPELHO DA SOCIEDADE

Roseana Nunes Baracat de Souza Figueiredo*

A literatura tem um poder maior que o espaço, mais forte que o tempo, ela guarda ações e reações humanas capazes de influenciar gerações, movimentar massas e transformar consciências. A literatura, a história, a política são formas de expressão da cultura social e a literatura reflete como espelho os anseios, as expectativas e as contestações de um povo, de uma nação. Sob vários regimes políticos, com a força de governantes e governados, o povo sempre pode expressar e observar seus pensamentos através da literatura, por essa razão ela é tão importante, necessária e atual. É através da literatura que o homem descobre uma outra possibilidade de ser e fazer um mundo melhor, mais humano e sem os erros que o mundo de ontem nos apresenta através de seus textos.

Seguindo essa idéia, busco, nesta comunicação, apresentar a arte literária como meio de libertação, uma forma de luta e defesa de pensamentos, de ideais e até de fantasias, já que é, fundamentalmente, ficção. Lembrando a Professora Leyla Perrone-Moisés: "*Em arte não há progresso, não há avanço, em termos de valor*" e esse é um ponto que deve ficar bastante claro aqui, a literatura não tende a produzir um concerto harmonioso, mas tem tido cada vez mais uma função crítica, contestadora, e uma feição dilacerada em todos os níveis.

A literatura se produz num constante diálogo de textos, ela nasce de lá mesma e traz em si uma gama de opiniões, pontos de vista e posições políticas muitas vezes veladas, daí a exigência de um amadurecimento literário, de um conhecimento mesmo, das obras, autores e épocas, para que se possa "compreender" possíveis mensagens e posicionamentos embutidos na obra. Teríamos aí uma utopia? Um leitor ideal para cada obra? Acredito que não.

Bakhtin, com seu "dialogismo", diz que há uma pluralidade de vozes (polifonia) que não desembocam numa verdade final unificada, porém há um diálogo interno na obra e um diálogo da obra com outras obras. Julia Kristeva, em sua Teoria da Intertextualidade, diz que "todo texto se constrói como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de textos". Então, será que teríamos que conhecer todas as obras citadas ou, lermos tudo o que o autor leu, para entendermos sua obra? Obviamente que não. O bom leitor, com o tempo e com maturidade, com sua perspicácia e estudo consegue perceber os diálogos intertextuais presentes na obra, porém isso se dá a longo prazo, após muita experiência literária e um convívio intenso com os textos. Porém, não será apenas esse "bom leitor" que terá sucesso garantido em suas análises. O leitor que busca, na obra, as entrelinhas, a crítica, a sociedade de forma geral, consegue perceber esse poder literário de denunciar, criticar ou até simplesmente trazer à tona uma época, um costume, um povo.

É preciso lembrar que a literatura não é um produto do meio; ela é o produto do espírito criador, da imaginação criadora e o meio é o fator exterior que apenas a condiciona, como condiciona todos os demais fenômenos da vida humana. A literatura é a escrita que representa uma "*violência organizada contra a fala comum*" - isso nas palavras do crítico russo Roman Jakobson. Trata-se de um tipo de linguagem que chama a atenção sobre si mesma e exhibe sua existência material. Ela pode ser tanto uma questão daquilo que as pessoas fazem com a escrita, como daquilo que a escrita faz com as pessoas.

A literatura é um discurso "não-pragmático", que não tem nenhuma finalidade prática imediata, referindo-se apenas a um estado geral de coisas. Ela pode dar diferentes enfoques a diferentes temas e usar uma linguagem auto-referencial, uma linguagem que fale de si mesma.

* Universidade de São Paulo.

As obras literárias são, muitas vezes, “reescrituras”, mesmo que inconscientemente, das sociedades que as lêem. Os juízos de valor literários podem ser caprichosos e subjetivos. Um consenso de avaliações inconscientes está presente em diferentes opiniões e as reações críticas estão profundamente ligadas aos preconceitos e crenças mais gerais. Não há reação crítica que não tenha tais ligações, e assim sendo não há nada que se assemelhe a um julgamento ou interpretação crítica puramente “literária”. As diferenças de avaliação funcionam dentro de uma maneira específica, socialmente estruturada, de ver o mundo.

A literatura tem uma forma peculiar de existência e os juízos de valor que a constituem são historicamente variáveis, mas esses juízos têm uma estreita relação com as ideologias sociais. Eles se referem não apenas ao gosto particular, mas aos pressupostos pelos quais certos grupos sociais exercem e mantêm o poder sobre outros.

Algumas obras das literaturas de Língua Portuguesa nos dão uma boa dimensão dessa influência que a sociedade exerce sobre a literatura, da força que o escritor tem com suas idéias postas numa obra de ficção, pois ao lermos um texto estamos lendo através dele.

Como primeiro exemplo, podemos pensar em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, obra que inaugura o Realismo e traz inovações para a literatura brasileira. Nela, Machado de Assis procura um representante para a sociedade de sua época, a personagem machadiana é o Homem de sempre, um protótipo usado para desnudar as falsas virtudes, os interesses escusos, tudo enfim, que constituía o avesso de uma vida socialmente digna e respeitável. O autor, na voz de Brás Cubas, não poupa críticas à sociedade, chega a chamá-la de pachola, “mas quem não é um pouco pachola nesse mundo?”.

As personagens funcionam, na verdade, como medalhões, porque se firmam como ornamento indispensável à sociedade; possuem duas faces como a medalha e gostam de mostrar só seu lado positivo. O homem no fundo não passa de um anão querendo ser gigante e a sociedade é, de certa forma, cúmplice silenciosa; todos sabem, mas ninguém declara, são apenas “boatos”. Machado de Assis não se esquece de ridicularizar uma classe social alta, bem de vida, de pessoas cultas e inteligentes, bem colocadas, mas extremamente supersticiosa, medrosa, insegura e fraca espiritualmente, ele coloca toda a sociedade num mesmo patamar, e depois os dá uma sentença de igualdade que é a morte.

A obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* toma como referente os abusos da classe dominante brasileira. Esta camada social vivia oscilando numa escala de valores opostos, devido ao fato da dissonância existente entre os modelos culturais em voga no século XIX e a realidade de um sistema social escravagista e oligárquico. E suma, defendia-se um ideal liberal, organizava-se o Estado em termos liberais e por outro lado mantinha-se na prática o sistema opressivo, criando-se, a partir dessa combinação, uma sociedade de idéias fora do lugar.

Brás Cubas seria, portanto, o representante de uma sociedade a qual Machado queria denunciar, sociedade esta em que viveu e numa época em que o dinheiro e o nome de família compravam qualquer título, qualquer sonho. Machado presenciou esse tipo de atitude, mas de uma forma apenas observadora, ele não fazia parte do centro, ele era a parte periférica e dessa periferia surgiu um mestre (plagiando Roberto Schwarz) com o privilégio de ser perfeito.

Outro exemplo é a obra *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, onde o autor, assim como o autor realista, valorizava a visão objetiva e crítica das relações sociais, além de focalizar o homem vulgar com seus defeitos e covardias, ou seja, apareceu aí a figura do anti-herói, que mesmo dominador, como foi Paulo Honório, foi vencido.

O que marcou profundamente a obra *São Bernardo* foi sua postura ideológica, ou a de seu autor, que colocou o ato de escrever e a obra literária como arte de combate contra a opressão e a exploração do homem pelo homem. Foi, antes de tudo, adotado um tom sério e adequado ao seu engajamento político-social, o que o levou a fazer denúncias das injustiças sociais, retratando o sofrimento dos oprimidos.

Partiu-se do individual para a compreensão do social, além disso o rigor e o profundo mergulho na análise psicológica das personagens fazem com que ele, inevitavelmente se aproxime de Machado de Assis.

Na obra *Boca do Inferno*, de Ana Miranda, esse papel de espelho representado pela literatura fica muito claro quando a autora busca retratar uma época, um povo, um problema político. A ficção, nesse caso trata da história, mesmo que não totalmente, um pequeno acontecimento serviu de pretexto para a elaboração do texto propriamente dito. O autor torna-se um historiador, um pesquisador, ele é um curioso por natureza e sua imaginação ganha forças. Ana Miranda retoma uma época em que o país se resumia em governantes corruptos e povo sem voz, sem autonomia. A obra traz uma linguagem rica e elaborada e uma verdade histórica fruto de muita pesquisa.

Boca do Inferno era a alcunha do poeta mais rebelde e consciente daquela época; Gregório de Matos Guerra foi o "Pasquim da Colônia", um poeta sem medos ou medidas, o desejo era seu guia. A autora mantém um enorme rigor com relação ao título, à trama, às personagens e principalmente à linguagem. Fica a sensação de que as personagens mudam apenas de nomes, mas a história é sempre a mesma e continua de maneira cíclica, porém os homens não aprendem com ela; nas palavras de Gregório de Matos: "*Acabaram-se as trovas e tudo, enfim, se acabou*".

Já em *Quarup*, obra de Antonio Callado, tudo estava apenas começando. Era hora de reeducar o povo brasileiro, ensinando-o a pensar e a agir politicamente. Antonio Callado traça um panorama da história do Brasil em um período que compreende desde o final da Era Vargas até as agruras do regime ditatorial. Na obra estão presentes o então nascente Parque do Xingu, que revela a miséria e o desprezo das autoridades pela cultura e pela tradição dos índios, e as nascentes Ligas Camponesas, que lutam pela formação de uma consciência política. Com o narrador, percorremos os principais momentos da formação de um grupo de tendências esquerdistas que se propõe à luta armada. O próprio Callado foi testemunha do que é viver em uma época de opressão, de restrições ao livre pensamento, quando o ato de escrever se torna um ato de insubordinação e de rebeldia.

Algumas personagens lutam por seus ideais, enquanto outras entregam-se aos vícios torpes, ou seja, participam ativamente ou anarquicamente da comunidade em que vivem e isso serve para demonstrar que suas atitudes, nada mais eram que o reflexo da situação do país na época; homens engajados, enquanto outros, alienados.

Quarup retrata uma importante época da nossa história, também esboça a crise individual, vivida por um herói confuso em sua trajetória comportamental, que val do homem crente ao homem ativista político, do sacerdócio católico à fé política e à luta armada, em um processo de reeducação contínua e insistente. Encontramos aqui uma espécie de redescoberta do Brasil. A tentativa pessoal das personagens para encontrar o Centro Geográfico do Brasil parece-nos metaforicamente uma tentativa de buscar-se uma unidade nacional ou o desejo de integração do país.

Quarup não representa meramente a trajetória do abandono da religião pela política, mas a percepção quase profética dos novos rumos que a igreja estava começando a trilhar, bem como a afirmação de uma religiosidade mais livre para uma sociedade mais justa. Antonio Callado mostra claramente seu engajamento, entretanto, não deixa de apontar que a liberdade individual é algo mais forte e necessário do que uma entrega quase doentia ao sonho de uma justiça social e política gravada com sangue de heróis individuais. A conscientização do coletivo social passa pela descoberta do indivíduo dentro de si próprio. O livro faz um "quarup" com a sociedade brasileira, ele é a memória cultural de um trecho da história do Brasil.

Assim como *Mayombe*, de Pepetela, obra que traz o tema da formação da nação Angolana; nela temos a chance de ver que a função da obra literária e o papel social do escritor se recoloca, senão com outras cores, pelo menos com novos matizes. Pepetela esteve na floresta do Mayombe e a obra é um livro de história na medida em que é a realidade vivida pelo autor tornada ficção. Encontramos aí o traço filosófico do homem como indivíduo e o seu comportamento como guerrilheiro, é a história do guerrilheiro, da guerrilha, mas sempre dos indivíduos nas suas idéias. A palavra autoritária, o sentido único já não se aplica aqui, a todos é cedida a palavra e essas vozes dialógicas percorrem todo o texto, sem que uma se sobreponha à outra ou se instaure como verdade definitiva.

De repente, o clima de diálogo desaparece e as conversas são atravessadas pelos sinais da incomunicabilidade. A incompreensão, a rivalidade, as intrigas manifestas ou apenas sugeridas fazem prever a irrealização dos propósitos que teriam levado à luta. O projeto de uma nação livre vai se estilhaçando na condução de um processo inicialmente banhado pela generosidade de um sonho coletivo. Dessa forma, a utopia tem como adversário os próprios homens que investiam em sua construção.

Muito mais do que ousou prever o comandante Sem Medo, o herói do Mayombe, os fantasmas perpetuaram e com a intervenção de outros elementos sacudiram a frágil sustentação da utopia que mediara o empenho daquela guerra, fundindo ética e estética num projeto literário. Em constante rotação, tal como a história do país que ajuda a fazer e a contar, a obra de Pepetela redimensiona-se ao pessimismo trazido pela derrota juntam-se algumas franjas da utopia despedaçada pela dureza de um contexto hostil.

CONCLUSÃO

Dessa forma, podemos pensar que, cada uma das obras aqui apresentadas, ajudou a construir o panorama de uma determinada época, de um determinado povo, em especial, de alguns anseios, retratando problemas e apresentando, talvez, alguns caminhos a seguir. Assim, temos a confirmação de que a literatura pode representar, mediar e até levar seu leitor a uma reflexão sobre a realidade. Um povo que é capaz de desenvolver-se literariamente, a partir da escritura, da leitura e da interpretação de seus problemas, de suas necessidades e até de sua realidade é capaz de progredir, dentro de suas limitações, muito mais que o um povo sem essa visão, ou sem essa oportunidade.

A Literatura tem um valor histórico maior do que podemos julgar e é através dela que, muitas vezes, se processa o conhecimento. Não há como separar a história da literatura, uma é o complemento necessário da outra, que não deixa de ser real, sendo ao mesmo tempo ficção. Cito uma frase do escritor angolano, Pepetela:

"... e aí é o papel do romance, fundamental, para a nova geração conseguir 'viver' um pouco o que era a vida antes. Aí há também uma preocupação de registrar para a história. (...) Enfim, é um voltar atrás mas com os olhos pelo menos no presente..."

BIBLIOGRAFIA

- ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Ed. Ática, 1992.
- CALLADO, Antonio. *Quarup*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1984.
- CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura Comparada*. São Paulo, Ed. Ática, Série Princípios, 1998.
- COUTINHO, Afrânio. "Conceitos e Vantagens da Literatura Comparada". In: *O Processo da Descolonização Literária*.
- COUTINHO, Eduardo de Faria; CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura Comparada Textos Fundadores*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994.
- EAGLETON, Terry. "O que é Literatura?" In: *Teoria da Literatura: uma introdução*. São Paulo, Martins Fontes, 1997.
- HANSEN, João Adolfo. *A Sátira e O Engenho: Gregório de Matos e a Bahia do século XVII*. São Paulo, Cia. das Letras, 1989.
- MIRANDA, Ana. *Boca do Inferno*. São Paulo, Cia. das Letras, 1989.
- NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada*. São Paulo, EdUsp, 1997.
- PEPETELA. *Mayombe*. São Paulo, Ed. Ática, 1982.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. "Literatura Comparada, Intertexto e Antropofagia". In: *Flores da Escrivania*. São Paulo, Cia. das Letras, 1990.
- RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. Rio de Janeiro, Ed. Record, 1996.
- SCHWARZ, Roberto. *Um Mestre na Periferia do Capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo, Ed. Duas Cidades, 1990.